

O MENINO DO GOUVEIA

Capadócio Maluco



Capadócio Maluco

**O MENINO DO
GOUVEIA**



Maluco, Capadócio, [18 – –].

O menino do Gouveia / Capadócio Maluco. –

1ª ed. – CDP, 2021.

30 p. ; 15 cm.

ISBN 978-65-00-30175-5

1. Literatura brasileira. I. Título. II. Coleção.

CDD-B869

O MENINO DO GOUVEIA

Copyright © 2021 OBRA EM DOMÍNIO PÚBLICO

CDP – Coleção Domínio Público

Projeto de capa: *Gabriel Lavarini*.

Edição e revisão: *Warley Matias de Souza*.

Logotipo: *Marcocuel*.

Imagem de capa: *Jeune homme à la fenêtre*, de Gustave Caillebotte.

COLEÇÃO DOMÍNIO PÚBLICO

Sem fins lucrativos, o projeto CDP (Coleção Domínio Público) tem o objetivo de resgatar escritores e escritoras do passado, esquecidos(as), pouco divulgados(as) ou atualmente não publicados(as).

Para a impressão e venda do livro físico, utilizamos uma plataforma de auto-publicação. Não obtemos nenhum lucro relacionado à venda de livros lançados com o selo CDP. O valor pago pelo(a) leitor(a) que prefere ter o livro físico em vez do digital, está relacionado aos custos da plataforma.

Além da possibilidade de comprar o livro físico, o(a) leitor(a) tem a opção de baixar e ler o arquivo digital de forma gratuita. Assim, os *links* tanto para a compra

quanto para o *download* dos livros estão disponíveis no *site* do projeto CDP (Coleção Domínio Público).

Em relação aos critérios de seleção das obras, para nós basta que as mesmas estejam em domínio público e que os(as) autores(as) sejam desconhecidos(as) ou pouco conhecidos(as) pelo grande público leitor.

Quanto à qualidade das obras, cabe ao(à) leitor(a) julgar. A nossa função é disponibilizá-las, com qualidade de diagramação e revisão, e não deixar que tais artistas sejam esquecidos(as) definitivamente.

O AUTOR

O autor desta obra optou por manter-se incógnito e assinou-a com o pseudônimo de Capadócio Maluco.

Desconhecemos eventuais pesquisas que possam haver revelado sua identidade.

A OBRA

O conto *O menino do Gouveia* é uma obra homoerótica de cunho pornográfico. O narrador inicia a história com a narração do pós-coito entre ele e Bembem, personagem que conta sua história ao narrador.

A obra está cheia de estereótipos em torno da homossexualidade, condizentes com a época.

A presente edição é originária da publicação referenciada a seguir: MALUCO, Capadócio. *O menino do Gouveia*. [S. l.]: Casa Editora Cupido & Comp., [1914?]. n. 6, 15 p. (Coleção Contos Rápidos).

I

Estendido junto a mim na cama suspirativa do *chateau*, depois de ter sido enrabado duas vezes, tendo na mão macia e profissional a minha respeitável porra, em que fazia umas carícias aperitivas, o menino do Gouveia, isto é, o Bembem, contou-me pitorescamente a sua história com todos os não me bulas de sua voz suave de puto matriculado.

— Eu lhe conto. Eu tomo dentro por vocação; nasci para isso como outros nascem para músicos, militares, poetas ou até políticos. Parece que quando me estavam fazendo, minha mãe, no momento da estocada final, peidou-se, de modo que teve todos os gostos no cu e eu herdei também o fato de sentir todos os meus prazeres na bunda.

Quando cheguei aos meus treze para quatorze anos, em que todos os rapazes têm uma curiosidade enorme em ver uma mulher nua, ou pelo menos um pedaço de coxa, um seio ou outra parte do corpo feminino, eu andava a espreitar a ocasião em que algum criado, ou mesmo meu tio, iam mijar, para deliciar-me com o espetáculo de um caralho de homem.

Não sei por que era, eu sentia uma atração enorme para o instrumento de meus prazeres futuros.

Havia então, entre os empregados, um que possuía um *paratilevas* que era mesmo um primor de grossura e comprimento, fora a cabeçorra formidável. Uma destas picas que nos consolam até a alma!

Entretanto, o que mais aguçava a minha curiosidade e me dava um desejo

insofrível, era poder ver a porra de meu tio. Este, porém, era muito cauteloso, e jamais ia satisfazer as suas necessidades sem trancar a porta da privada, ficando eu deste modo com o único recurso de calcular e julgar, pelo volume que lhe via na perna esquerda, as dimensões do seu mangalho que parecia ser colossal.

Um dia em que ele e a titia foram à cidade, muni-me de uma verruma e fiz na porta do quarto dos mesmos uma série de buracos dispostos de maneira que eu pudesse observar todos os movimentos noturnos.

— Confesso, Capadócio Maluco, acrescentou o Bembem, aumentando o movimento punhetal que vinha fazendo na minha pica, que nem uma só vez me passou pela cabeça a ideia de que ia ver a titia nua ou quase nua. O meu único pen-

samento era poder apreciar ereto o membro viril do titio.

Nessa noite, mal nos recolhemos aos dormitórios, eu fui postar-me, metido na comprida camisola de dormir, na porta e com os olhos pregados nos furos previamente feitos.

Parece, porém, que o casal não tinha pressa nenhuma em se foder ou então ambos andavam fartos, pois meu tio, em camisa de meia, sem tirar as calças, sentou a ler um livrinho que depois eu soube ser da Coleção Amorosa do *Rio Nu*, enquanto minha tia, em mangas de camisa, principiou uma temível caçada a algumas pulgas teimosas.

Se eu gostasse de mulher, teria me deliciado vendo, nos movimentos bruscos da caçada, os seios da moça, que eram alvíssimos, de bicos vermelhos, redondos e

rijos como se ela ainda fosse cabaçuda; porém todo o meu prazer, toda a minha curiosidade, estavam entre as pernas do tio, no seu caralho, cuja lembrança me punha comichões na bunda.

Afinal, ela parece que cansou na perseguição dos pequenos animais, pois deixou cair a saia e rapidamente substituiu a camisa por uma pequena camiseta de meia de seda que lhe chegava até o meio das nádegas.

Mesmo sem querer, tive que admirar-lhe as pernas bem-feitas, as coxas grossas, torneadas e muito claras, a basta pentelhada castanho-escura e — com quanta raiva o confesso! — o seu traseiro, amplo, macio, gelatinoso.

Ah! se eu tivesse um cu daqueles, era feliz! Era impossível que meu titio, tendo ao seu dispor um cagueiro daque-

les, pudesse vir a gostar da minha modesta bunda! Quantos ciúmes eu tive da tia naquela noite!

Parece que a leitura do tal livrinho produziu alguma coisa em titio. Ele principiou a olhar de vez em quando para a mulher, estendida de papo para o ar sobre o leito; depois passou várias vezes a mão pela altura da pica.

Finalmente, levantou-se, num momento tirou toda a roupa e caminhou para a cama.

Oh! Céus! Eu então pude ver, com toda a dureza que uma tesão completa lhe dava, os vinte e cinco centímetros de nervo com que a Natureza o brindara. Que porra!

Grande, rija, grossa, com uma chaqueta semelhante a um para-choque da Central e fornida dum par de colhões que

devia ter leite para uma família inteira.

Ele chegou-se ao leito, começou a beijar a esposa nos olhos, na boca, no pescoço, nos seios e depois, quando a sentiu tão arreitada como ele estava, afastou-lhe as belas coxas, trepou para cima do leito e eu do meu observatório vi aquele primor de pica deslizar suavemente e sumir-se todo pelo cono papudo da titia, que auxiliava a entrada do monstro fazendo um amestrado exercício de quadris, a suspirar, a gemer, a vir-se, no mais completo dos gozos, na mais correta das fodas.

Não quis ou não pude assistir ao resto da cena. Eu tinha uma sensação esquisita no cu, parecia que as pregas latejavam. Mais tarde vim a saber que isso era tesão na bunda.

Corri para o meu quarto, fechei-me

por dentro, atirei para longe a camisola que me incomodava e, tendo arrancado a vela do castiçal, tentei metê-la pelo cu acima a ver se me acalmava. Fui caipora; as arestas da bugia machucavam-me o ânus e não a deixavam entrar.

Passei uma noite horrível.

II

No dia seguinte de manhã, levantei-me com uma firme resolução tomada: ou meu tio, naquele dia me enrabava, ou eu fugia de casa e dava o cu ao primeiro tipo que eu encontrasse e que mostrasse ser porrudo.

Logo cedo, pus-me de alcateia a esperar que ele entrasse para o banheiro, pois era aí que eu pretendia executar meu plano.

Às 6 e 1/2 da manhã ele passou com o lençol ao ombro e a saboneteira na mão. Dei o tempo necessário para que se despisse e chegando à porta disse:

— Está aqui isto, que titia mandou.

Ele já estava completamente nu; entreabriu a porta e eu num relâmpago penetrei no quarto de banho.

Meu tio estava pateta, a olhar-me sem compreender. Eu peguei-lhe a porra e supliquei.

— Titio, você faz comigo o que fez esta noite com titia! Faz, sim?

Ergui a camisola e apresentei-lhe a minha bunda, que, francamente, estava palpitando de ansiedade.

O estafermo de meu tio, entretanto, não era homem para compreender esses mistérios do amor. Não sabia o mundo de gozos que há numa bunda masculina

quando ainda tem a prega mestra.

Pegou-me pela orelha, escancarou a porta, e, pespegando-me um valente pontapé no cu gritou:

— Safa! que puto me saiu o rapaz!

Fui para o quarto, vesti-me num ápice, entrouxei a minha roupa e fugi de casa furioso, danado, em busca dum caralho que me fodesse.

III

Durante o dia todo vaguei pela cidade na doce esperança de encontrar um fanchono em quem as minhas formas roliças e afeminadas despertassem o apetite e provocassem uma cantata.

Foi, porém, trabalho perdido: por mais que eu andasse pelos mictórios a espiar picas e fizesse mil gestos reveladores

das minhas qualidades e encantos enrabativos, parece que naquele dia os amadores de cus tinham desaparecido.

Às seis horas da tarde sentei-me, levado dos diabos, num dos bancos do Rocio, pensando na falta de enrabadores que há nesta cidade.

Momentos depois, abancou-se junto a mim um cidadão alto, magro, ossudo, com um bom palmo de nariz e um tanto maduro. Olhou para mim umas três vezes e sorriu; eu respondi logo ao sorriso e o velhote chegou-se para meu lado, entrando logo na conversa.

— Então o menino está passeando?

Eu fitei o camarada com uma vontade louca de dizer que andava à procura duma porra, porém contive-me e respondi:

— Estou, sim senhor. Meu tio pôs-

-me na rua.

O homem parece que se comoveu com a minha desgraça, porque pousou a mão sobre a minha coxa e apertou-me levemente a pica. Não esperei mais, também fui com a minha mão de criança e agarrei-lhe a porra, que era suficientemente avantajada.

— Você gosta? perguntou-me.

— Creio que sim; nunca experimentei.

— Como, meu bem? Você ainda é virgem, ainda tem as preguinhas todas?!

— Tenho, sim.

O meu novo camarada pareceu ficar mais moço, convidou-me para ir ao cinema, onde assisti a uma sessão inteira segurando-lhe a pica.

Depois, quando saímos, eu e seu Gouveia, era assim que ele se chamava,

fomos tomar chocolate com pão de ló.

Finalmente, às dez horas, mais ou menos, eu, com o braço do meu novo amigo passado pela cintura, entrava no quarto em que ele morava, ali pelas bandas dos Arcos.

Eu sentia perfeitamente a sensação de uma noiva ao entrar na câmara nupcial; anelava por ver-me encaixado na pica do Gouveia e ao mesmo tempo sentia um certo receio por essa enrabação.

O aposento em que entramos era bem-mobiliado e tinha uma ampla e fofa cama a convidar ao amor, ao gozo.

O Gouveia era um hábil fanchono e possuía a verdadeira arte de um amador de bons cus.

Ele mesmo, com toda a meiguice e cuidado, foi me tirando a roupa até eu ficar unicamente com as ceroulas.

Depois, sentou-me num sofá enquanto rapidamente se despiu, ficando com as mesmas vestes que eu.

Veio então para junto de mim e, tomando-me a cabeça entre as mãos, colou os seus lábios nos meus, primeiro num longuíssimo beijo e depois num terno chupão.

Foi para mim a primeira revelação de gozo que eu tive. Quanto é saboroso um beijo de homem sorvido assim lábio a lábio! Todo o meu corpo tremeu numa desconhecida vibração. Instintivamente, meti a mão pelas ceroulas do Gouveia e fui segurar-lhe a porra, que estava assaz dura.

O meu iniciador na putaria deixou-me então a boca e veio sugar-me os pequenos bicos de meus peitos. Recebi com um choque elétrico; a natureza, para pro-

var que eu vim ao mundo para tomar na bunda, pôs-me nos seios a qualidade feminina, isto é, às carícias do Gouveia eles responderam ficando eretos, empinadinhos, tal qual como se eu fosse mulher.

O meu camarada de quando em vez murmurava: “Que petisco! Que pitéu! Novinho em folha! Donzelo desde a pica até o cul!”.

Entretanto, a agitação que me produzira o afago do velhote nas minhas maminhas me tonteara completamente, fizera de mim uma pilha de luxúria. Quando ele parou um instante, baixei a cabeça e beijei-lhe o caralho.

O Gouveia tremeu todo e murmurou:

— Que vocação! Este foi feito para isso!

Eu ia levantar-me para responder-

-lhe quando senti que uma de suas mãos prendia-me na mesma posição enquanto ele me dizia:

— Bem, continua assim, depois lambe e... depois... chupa.

Não tive o menor escrúpulo em cumprir essas ordens, porque, como já disse, eu era um adorador de caralhos.

Enquanto isso, o Gouveia fazia-me festas com uma das mãos na cabeça e com a outra amimava-me as nádegas, passando sobre elas muito levemente, com verdadeira ternura e indo às vezes com o dedo amestradamente coçar-me, também muito superficialmente, sem introduzi-lo, as pregas da minha bunda.

Se eu não estivesse com a boca cheia pela cabeça da sua porra, que latejava, ter-lhe-ia pedido para meter o dedo a fim de saciar-me um pouco. Ele,

porém, não o teria feito para não estragar o cabaço que eu ainda possuía.

De repente, sem que eu esperasse, o corpo do Gouveia deu um estremeção fortíssimo e eu tive a boca e a garganta inundadas por uma grande leitada. A esse tempo ele premia-me com mais força o olho do cu e chupava-me o pescoço, na nuca.

Tive tal prazer, senti tal ventura, que, mesmo com a boca cheia de leite de pica, tombei a cabeça sobre as coxas do velhote.

Estivemos uns minutos, não sei quantos, naquela posição, a prolongar o êxtase daquele deleite.

O Gouveia ergueu-se, foi a um armário e trouxe uma garrafa dum magnífico Moscatel e dois copos para, segundo ele dizia, celebrar a minha iniciação no

batalhão de Cupido.

Propôs então o Gouveia, e eu com entusiasmo aceitei, que despíssemos as ceroulas para melhor gozar a carne contra a carne.

Sentei-me nas pernas do velhote e começamos a bebericar o vinho pelo mesmo copo, a beijarmo-nos lubricamente, a sugarmos os beiços e a chuparmos a língua um do outro.

O meu primeiro amante de velho somente tinha a aparência, pois possuía mais fogo que muito moço que anda por aí; eu, por meu lado, tinha mil comichões na bunda.

Ele procurou com a mão a minha pica dizendo:

— Deixa ver como está dura essa piroquinha...

Uma decepção o esperava: a minha

pica mantinha-se como sempre estendida completamente, porém mole, flácida, molambenta. Ele esteve a friccioná-la algum tempo, porém em vão. Entretanto, eu sentia, eu bem sentia a impressão forte do seu carinho, mas era na bunda que tinha tremuras enormes.

O Gouveia perguntou-me:

— Bembem, você não tem tesão?

— Tenho, tenho muito até, mas na bunda, nas pregas do cu.

Com esta declaração, o caralho do homenzinho, que já estava a meio pau, armou todo, com todo o garbo e valentia.

O Gouveia carregou-me nos braços e pôs-me em cima da cama.

Ó doce momento! Eu ia finalmente receber na bunda o membro viril de um homem!

Com que ventura eu me estendi de

bruços sobre o leito, esperando o amoroso ataque!

O meu deflorador untou o famoso nabo com bastante vaselina, meteu-o entre as minhas pernas trementes de desejo e receio, apontou a cabeça da pica na minha bunda e forçou um pouco.

Senti uma dor estranha; parecia que o caralho do Gouveia era de ferro em brasa: rasgava e queimava ao mesmo tempo. Soltei um gemido e ele parou, perguntando-me, meio gago:

— Bembem, quer que tire um pedacinho?

— Não! Não! Vai empurrando devagar, que eu aguento.

O Gouveia, com a mão direita ora a pegar-me nos bicos das maminhas, ora a tentar entesar-me a pica com a maestria de uma punheta, cascou-me mais um

pouco de porra para dentro da bunda.

Eu sofria e gozava ao mesmo tempo, sentia as pregas a dilatarem-se e um calor consolador a subir-me pelo ânus à proporção que o mangalho entrava.

Num dado momento o Gouveia parou a introdução, depois pegou-me nos quadris com as mãos nervosas, e num movimento brusco, *chamou-me* aos peitos, empurrando-me toda a enorme porra pelo cu adentro.

Uma horrível dor varou-me de lado a lado, porém ato contínuo o caralho do Gouveia amenizou-me o reto com uma avantajada esportadela.

IV

A narração fresca do putíssimo rapaz tinha-me entesado de novo e eu já ia

reclamar quando ele, olhando, bradou:

— Chi, Capadócio! Como está você!...

Num momento, Bembem, de cócoras sobre mim, num remelexo cotuba, recebia na bunda profissional a minha pica.

Enquanto ele se enrabava assim, dizia:

— Até hoje tenho fodido talvez uns quinhentos caralhos; porém não posso me lembrar da porra de meu tio sem sentir comichões na bunda!...

FIM